

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

GABRIELA COUTO GLEN

O VERBO *APOSTAR* E SEUS DIFERENTES USOS PERFORMATIVOS

PORTO ALEGRE

2023

GABRIELA COUTO GLEN

O VERBO *APOSTAR* E SEUS DIFERENTES USOS PERFORMATIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

PORTO ALEGRE

2023

Ao meu professor orientador, Marcos Goldnadel, por todo o ânimo e ajuda que me deu ao longo do curso, especialmente acreditando neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por Ele ser Deus, rico em misericórdia e amor por mim. Graças a Ele, foi possível ter inteligência e persistência para escrever este trabalho. Também sou grata a Nossa Senhora, que tanto me acompanha incessantemente, de forma especial quando eu mais preciso, como nestes últimos dias de graduação, e em toda a minha vida.

Expresso minha gratidão aos meus pais e a minha irmã, que sempre se importaram comigo e com minhas obrigações. Agradeço por sempre se mostrarem disponíveis para mim e me darem o carinho de que preciso. E ao meu namorado, que me ajudou a viver de forma mais leve cada momento, me incentivando e confiando no meu potencial. Obrigada a vocês por tanto acreditarem em mim!

Meu *muito obrigada* ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Goldnadel. Por tudo! Por me animar e me apoiar desde o começo, quando surgiu a ideia da pesquisa; por toda a paciência que teve comigo e por me inserir no universo da pragmática mesmo quando ainda estávamos na pandemia, tendo aulas (e risadas) à distância.

A todos que me ajudaram de alguma, seja rezando por mim, me aconselhando, ou de qualquer outra maneira, deixo aqui meus sinceros agradecimentos e que Deus abençoe cada um!

RESUMO

Atos de fala são ações que falantes de uma determinada língua realizam através de palavras. Tal teoria surgiu com o filósofo John Langshaw Austin e, através dela, é possível perceber que o verbo *apostar*, um dos que Austin chama de verbos performativos, assume uma função diferente da que é a ele associada na tese que o autor apresenta. O objetivo deste trabalho é analisar o caso do verbo supracitado e suas características particulares, a partir das teorias de Austin e John Rogers Searle. Para tanto, mediante uma metodologia hipotético-dedutiva, esta pesquisa apresenta o estudo de uma função que esse verbo tem, a de declarar alto grau de convicção, o que pode gerar um outro ato de fala, que não seja uma aposta, verificando se os autores exploram tal caso em seus estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Atos de fala. Verbos performativos. Pragmática.

ABSTRACT

Speech acts are actions that speakers of a given language perform through words. This theory emerged with the philosopher John Langshaw Austin and, though this, it is possible to perceive that the verb *to bet*, one of those Austin calls performative verbs, assumes a different function that the one related to it in the thesis that author presents. The objective of this research is to analyse the case of the aforementioned verb and its particular characteristics, through Austin's and John Rogers Searle's theories. For that, with a hypothetic-deductive methodology, this research presents the study of a function this verb has which is declaring a high level of conviction, what can produce another speech act, which is not a bet, verifying whether the authors explore this instance in their studies.

KEYWORDS: Speech acts. Performative verbs. Pragmatics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte dos resultados do corpus (linhas 1 a 15)	28
Figura 2 – Recorte dos resultados do corpus (linhas 16 a 30)	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atos diretivos e compromissivos e suas devidas condições.....	21
Tabela 2 – Atos diretivos, compromissivos e assertivos e suas respectivas condições.....	27

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AF: ato de fala

VP: verbo performativo

p: conteúdo proposicional

O: ouvinte

A: ação

CS: condição de sinceridade

CC: condição de conteúdo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A TEORIA DOS ATOS DE FALA.....	12
2.1 A TEORIA DE JOHN AUSTIN.....	12
2.1.1 Condições de felicidade.....	13
2.1.2. Atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários.....	14
2.2 A TEORIA DE JOHN SEARLE.....	15
2.2.1 Propósito ilocucionário.....	16
2.2.2 Direção do ajuste.....	16
2.2.3 Condições de sinceridade.....	17
2.2.4 Condições de conteúdo.....	17
2.2.5 Taxinomia.....	18
2.2.6 Atos de fala indiretos.....	19
3 ALTERAÇÃO DE SENTIDO DO ATO DE FALA DE APOSTAR.....	23
3.1 SENTIDOS DO VERBO APOSTAR.....	23
3.1.1 O verbo <i>apostar</i> como ato de fala de fazer uma aposta.....	23
3.1.2 O verbo <i>apostar</i> como ato de fala de asseverar algo.....	25
3.1.3 Validação qualitativa de dados em corpus on-line.....	27
3.1.4 O verbo <i>apostar</i> como em seu futuro do pretérito.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O verbo *apostar* é, segundo a teoria dos Atos de fala¹, de John Langshaw Austin, que a descreve em seu livro *How to do things with words* (1962), um verbo performativo². Isso significa que é possível fazer uma ação — ou mais ações, como veremos no decorrer deste trabalho — com o uso dele, isto é, um AF, e não apenas uma declaração. Um dos AFs em que primeiramente podemos pensar quando nos referimos a *apostar* é o de se fazer uma aposta. No entanto, seu sentido pode variar. Segue um exemplo:

I- Aposto um fardo de cerveja que meu time vai ganhar hoje.

Quando um indivíduo profere essa frase, ou alguma frase semelhante a esta, sua intenção costuma ser a de fazer uma aposta com uma outra pessoa. Para que essa aposta seja efetiva, é necessário que as duas pessoas do determinado contexto concordem com ela. Ainda que um dos sujeitos não tenha a intenção de cumprir com o prometido, a aposta acontece se os envolvidos concordarem, independente do que vier a ocorrer depois do combinado. Pode até ser uma aposta de má fé, mas não deixa de ser uma aposta.

Segue outro um exemplo:

II- Eu aposto que vai chover hoje.

É evidente que nesta frase não há algo sendo apostado, um prêmio que uma pessoa deverá receber da outra, caso chova ou caso não chova naquele dia. Quem profere a frase do exemplo II simplesmente está afirmando ter certa convicção de que vai chover naquele dia, por alguma razão. É possível ainda pensar que tal pessoa tem tanta convicção de que vai chover que inclusive poderia apostar algo com seu interlocutor, caso este discordasse de sua opinião.

Além da teoria de Austin, será estudada a análise feita por John Rogers Searle, em seu livro *Expression and Meaning* (1979), que se apoia no livro de Austin para classificar os AFs. A partir dessa classificação, a finalidade é encaixar o possível AF de *apostar*, que não envolve aposta nem prêmio, mas sim convicção, em alguma categoria proposta por Searle.

Posto isso, o objetivo deste trabalho é explorar as teorias de Austin e de Searle para que se descubra de que forma eles abordam ou não abordam o fenômeno do verbo *apostar* que será estudado ao longo da pesquisa.

¹ Doravante, *atos de fala* será substituído por *AF*.

² Doravante, *VP*.

2 TEORIA DOS ATOS DE FALA

Neste capítulo, serão apresentadas duas concepções acerca dos AFs. A primeira, de John Langshaw Austin, filósofo e autor responsável pelo surgimento do pensamento com relação aos AFs. A segunda trata-se de uma análise de John Rogers Searle, filósofo e autor que analisa a teoria de Austin, enriquecendo-a através de sua taxinomia.

2.1 A TEORIA DE JOHN AUSTIN

John Langshaw Austin, na obra *How to do things with words* (1962), traduzido para o português com o título *Quando dizer é fazer* (1990), inicia sua teoria mencionando que a crença dos filósofos, durante muito tempo, era a de que uma declaração teria por função apenas “descrever’ um estado de coisas, ou declarar um fato, o que [a declaração] deveria fazer de modo verdadeiro ou falso.” (1990, p. 21). O próprio termo *declaração* é definido como o uso de uma sentença para negar ou afirmar algo, de acordo com a tradução da palavra *statement*. Esta é explicada em nota de rodapé, na mesma página, na versão traduzida do livro, em português, da seguinte forma: “a declaração seria então o uso da sentença para afirmar ou negar algo, podendo ser falsa ou verdadeira.”

Segundo essa perspectiva, ou se profere uma sentença para afirmar algo que é real, ou para afirmar algo que não é real. Esse *algo* se refere a uma informação, que pode ser o estado de alguma coisa ou um acontecimento. Contudo, o autor levanta o fato de que os gramáticos já haviam indicado o uso de sentenças para além de serem declarações, pois poderiam ser perguntas, exclamações, ordens, desejos ou concessões. Por outro lado, os filósofos usavam o termo *sentença* como sinônimo de *declaração*. Na mesma nota de rodapé, temos *sentença* como “uma unidade linguística, possuindo uma estrutura gramatical e dotada de significado, tomada em abstrato.”

A fim de ressaltar a diferença entre declarações e sentenças utilizadas para se fazer perguntas ou expressar ordens, Austin divide os enunciados em constatativos – categoria das declarações – e performativos – categoria dos enunciados que formam AFs.

Ele apresenta ainda um recurso linguístico que, em muitos casos, explicita a ocorrência de um AF. É o caso dos VPs. O filósofo justifica tal nome por este ser derivado do verbo inglês *to perform*, correlato do substantivo *ação*, o que ressalta um caráter de seu proferimento: o de realizar uma ação e não de simplesmente dizer algo.

Nas sentenças a seguir, há exemplos de verbos, em destaque, dos que Austin apresenta como performativos (p. 24):

(I) “**Batizo** este navio com o nome de Rainha Elizabeth” - ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio.

(II) “**Lego** a meu irmão este relógio” - como ocorre em um testamento.

(III) “**Aposto** cem cruzados como vai chover amanhã.”

Na sentença I, o fato de algum falante ter proferido o verbo *batizar*, no contexto determinado, faz com que, daquele momento em diante, o navio passe a ser chamado de Rainha Elizabeth. No caso de II, ao proferir a sentença, o falante está literalmente legando o relógio a seu irmão. E, em III, o verbo *apostar* cumpre a função de provocar uma aposta, isto é, de convidar uma segunda pessoa a responder positivamente para que a aposta, de fato, aconteça. Esses enunciados performativos são considerados, por Austin, explícitos.

Além disso, é possível notar AFs presentes em sentenças sem VPs. Este é o caso dos enunciados performativos que não são explícitos, que o autor chama de primários. Essa diferença pode ser percebida nos exemplos a seguir:

(III) “Pega um doce.”

(IV) “Passa lá em casa para o jantar.”

(V) “Obrigada por me dedurar para o chefe.”

Nos exemplos III e IV, temos um verbo que está no modo imperativo, normalmente empregado em sentenças cujo fim é dar uma ordem ou fazer um pedido. Entretanto, o uso de cada verbo nessas sentenças tem objetivos diferentes desses. Em III, o falante está fazendo uma oferta ao ouvinte e, em IV, um convite. Já em V não há um VP, mas sim *obrigada*, uma marca linguística de enunciados que performam o AF de agradecer. O interessante é que não é este o AF da sentença, mas sim o de criticar, pois há uma ironia no enunciado.

2.1.1 Condições de felicidade

Na teoria de Austin, são estabelecidas algumas condições para que um AF realmente aconteça. Antes de apresentá-las, ele afirma que, além da presença de palavras performativas, para uma ação ser realizada com êxito, é preciso que muitas outras coisas em geral ocorram adequadamente. Com o intuito de descobrir quais são essas coisas, o autor observa e classifica os tipos de casos em que algo sai errado e casos em que o ato fracassa, ao menos em parte. “Em tais casos não devemos dizer de modo geral que o proferimento seja falso, mas malogrado. Por esta razão chamamos a doutrina das *coisas que podem ser ou resultar malogradas*, por ocasião de tal proferimento, de doutrina das *infelicidades*.” (AUSTIN, 1990, p. 30, grifos do autor). Para esquematizar essa doutrina por ele estabelecida, temos as seguintes condições:

(A.1) Deve existir um procedimento convencionalmente aceito, que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas, e em certas circunstâncias; e além disso, que

(A.2) as pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.

(B.1) O procedimento tem de ser executado, por todos os participantes, de modo correto e

(B.2) completo.

(Γ.1) Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso,

(Γ.2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.
(AUSTIN, 1990, p. 31).

É imprescindível que as seis regras descritas sejam cumpridas para que o proferimento performativo não seja, de forma alguma, malgrado, havendo diferentes maneiras de o ser. Por exemplo, se em um casamento católico todas as condições são contempladas – os noivos querem se casar, estão em uma igreja, o celebrante termina o rito com a frase *eu vos declaro marido e mulher* –, porém os noivos já são casados (um com o outro ou com outra pessoa, uma vez que no religioso não seja permitido casar-se de novo), ou não foi o padre quem proferiu a sentença, entre outras violações possíveis, o ato em questão (casamento) não se realiza com êxito. Esses atos malgradados do tipo A.1-B.2 (pretendidos, mas nulos), Austin chama de desacertos.

Já os atos malgradados do tipo Γ (professados, mas vazios), cuja ação é concretizada, ainda que feita de má-fé, ele chama de abusos. É o que acontece com o verbo *prometer*, por exemplo, no caso de o falante proferir um enunciado como *prometo ir ao cinema contigo amanhã*, o que é uma promessa realizada com êxito, todavia sem a intenção de cumpri-la. “O fato de um ato ser nulo ou sem efeito não quer significar que nada tenha sido feito; pelo contrário, muitas coisas podem ter sido feitas. Através deles, podemos ter um ato de bigamia, sem termos realizado o ato pretendido, a saber, casar.” (AUSTIN, 1990, p. 32).

2.1.2. Atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários

Com o propósito de iniciar um programa para encontrar uma lista de VPs explícitos, John Austin deparou-se com a dificuldade de diferenciar proferimentos performativos de proferimentos constataivos. Por conta disso, passa a considerar “a base em quantos sentidos se pode entender que dizer algo *é* fazer algo, ou que *ao* dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em que *por* dizer algo fazemos algo.” (p. 85, grifos do autor).

O ato locucionário é o ato de *dizer algo* na acepção normal e completa, isto é, quando *dizer algo* é fazer algo em sentido normal e completo, incluindo o proferimento de certos ruídos, certas palavras em determinada construção, e com um certo significado tendo um sentido e uma referência determinada.

O ato ilocucionário é, em geral, a realização de um ato locucionário.

Para determinar que esse ato ilocucionário é realizado dessa forma temos que determinar de que maneira estamos usando a locução, seja:

- perguntando ou respondendo a uma pergunta,
- dando alguma informação, ou garantia ou advertência,
- anunciando um veredito ou uma intenção,
- pronunciando uma sentença,
- marcando um compromisso, fazendo um apelo ou uma crítica,
- fazendo uma identificação ou descrição

e muitos outros casos semelhantes. (AUSTIN, 1990, p. 88).

Esse tipo de ato acontece quando se realiza algo *ao* dizer algo, o que o autor opõe ao ato *de* dizer algo (locucionário). Além disso, o fato de o falante dizer algo geralmente produz efeitos ou consequências nos sentimentos, pensamentos ou ações dos ouvintes, ou de quem fala, ou de outras pessoas, o que pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos. Logo, nota-se que o falante realizou um ato que pode ser descrito fazendo alguma referência ou não à realização do ato locucionário ou ilocucionário. O autor chama a realização de um ato deste tipo de realização de um ato perlocucionário ou perlocução. A seguir, vejamos um caso que Austin aborda em sua obra como exemplo:

Ato (A) ou Locução

Ele me disse “Atire nela!” querendo dizer com “atire” atirar e referindo-se a ela por “nela”.

Ato (B) ou Ilocução

Ele me instigou (ou aconselhou, ordenou, etc.) a atirar nela.

Ato (C.a) ou Perlocução

Ele me persuadiu a atirar nela.

Ato (C.b)

Ele me obrigou a (forçou-me a, etc.) atirar nela. (1990, p. 90).

Em (C.a), o autor determina que há uma referência meramente oblíqua de C aos atos A e B. Já em (C.b), ele defende que tal referência não existe.

2.2 A TEORIA DE JOHN SEARLE

Em seu livro *Expression and Meaning* (1979), traduzido para o português com o título de *Expressão e Significado* (1995), John Rogers Searle descreve o que ele nomeia de taxinomia, isto é, a classificação que ele faz dos AFs.

O filósofo e professor apresenta em sua obra uma diferença entre a força ilocucionária (*F*) de uma emissão e seu conteúdo proposicional³ (*p*), simbolizada da seguinte forma:

$$F(p)$$

Com efeito, Searle (1995, p. 1) parte, antes de tudo, da teoria de John Austin. Com base no livro *How to do things with words* (1962), ele declara que, sempre que se tenta desenvolver uma taxinomia para esse estudo, é preciso considerar a forma com que Austin classifica os atos ilocucionários. Assim, o autor norte-americano diz que um dos seus propósitos é avaliar tal classificação, a fim de que seja revelado o que é e o que não é adequado, além de mostrar como os diferentes tipos ilocucionários básicos são realizados na sintaxe de uma língua natural.

2.2.1 Propósito ilocucionário

Segundo Searle, “O propósito ilocucionário é parte da força ilocucionária, mas não é o mesmo que ela.” (1995, p. 1). Ele explica isso levantando o argumento de que, por exemplo, o propósito ilocucionário dos pedidos é o mesmo que o dos comandos, i.e., tentativas de fazer com que o ouvinte faça algo. Já a força ilocucionária, ou melhor, sua noção, é a resultante de vários elementos e, dentre eles, está o propósito ilocucionário.

É importante se atentar para um ponto que o autor menciona, como está descrito a seguir.

Muitos dos atos ilocucionários mais importantes, talvez a maioria, não são tais que um intento perlocucionário essencial esteja associado por definição ao verbo correspondente; por exemplo, enunciados e promessas não são tentativas, por definição, de produzir efeitos perlocucionários nos ouvintes. (1995, p. 4).

Portanto, nem todo ato ilocucionário tem um intento perlocucionário associado a ele por definição.

2.2.2 Direção do ajuste

³ Doravante, *p*.

O autor descreve uma categoria que se aplica todos os tipos de ato de fala que apresenta, o ajuste, e explica que a direção do ajuste palavra-mundo opera da seguinte maneira:

Algumas elocuições têm, como parte do propósito ilocucionário, fazer as palavras (mais precisamente, seu conteúdo proposicional) corresponder ao mundo; outras, fazer o mundo corresponder às palavras. As asserções estão na primeira categoria, as promessas e os pedidos, na segunda. (SEARLE, 1995, p. 4).

O ajuste é exemplificado, no livro (ANSCOMBE, 1957 apud SEARLE, 1995, p. 5), como uma situação em que temos um homem em um supermercado (comprador), uma lista de compras (que pertence ao comprador) e um detetive (que anota tudo o que o comprador pega). As listas, ao término da compra, serão iguais, porém podemos dizer que o propósito de cada uma é diferente. O propósito da lista do comprador é o de ajustar o mundo às palavras, pois é delas que ele parte. Já a lista do detetive tem o propósito de ajustar palavras ao mundo, sendo que ele observa antes para depois escrever o nome de cada item. O símbolo para cada classificação de ajuste é:

- ↓ – ajuste palavra-mundo;
- ↑ – ajuste mundo-palavra.

2.2.3 Condições de sinceridade

Ao tratar das diferenças quanto aos três estados psicológicos expressos, isto é, a crença, o desejo e a intenção, John Searle afirma que

quem enuncia, explica, assere ou alega que *p* expressa a crença de que *p*; quem promete, jura, ameaça ou se empenha em fazer *A* expressa uma intenção de fazer *A*; quem ordena, manda, pede a *O* que faça *A*, expressa um desejo (uma vontade) de que *O* faça *A*; quem se desculpa por ter feito *A* expressa arrependimento por ter feito *A*; etc. (1995, p. 6).

Ao realizar um AF com um *p*, o falante expressa uma atitude, um estado etc. que diz respeito a esse *p*. Tal condição vale ainda que o falante não seja sincero, isto é, mesmo que ele não tenha a crença, o desejo, a intenção, o arrependimento ou o prazer que expressa, efetivamente o expressa. O AF não deixa de ser realizado “[...] pelo fato de ser linguisticamente inaceitável a conjunção do verbo performativo explícito com a negação do estado psicológico expresso. Assim, não se pode dizer ‘Enuncio que *p* mas não acredito que *p*’, ‘Prometo que *p* mas não tenho a intenção de que *p*, etc.’. Outrossim, ele reitera que “isso só vale para o uso performativo em primeira pessoa. Pode-se dizer ‘Ele enunciou que *p* mas ele realmente não acreditava que *p*’, ‘Prometi que *p* mas não tenho de fato a intenção de fazê-lo’, etc. (SEARLE, 1995, p. 7).

2.2.4 Condições de conteúdo

Searle explica também as diferenças quanto ao *p* determinadas pelos dispositivos indicadores da força ilocucionária. Ele afirma que essas diferenças “correspondem a diferenças quanto às condições do conteúdo proposicional” e dá o seguinte exemplo, no qual se faz evidente tal aspecto: “As diferenças, por exemplo, entre um relato e uma predição envolvem o fato de que a predição tem de tratar do futuro, enquanto um relato pode tratar do passado ou do presente.” (1995, p. 7).

2.2.5 Taxinomia

Após discorrer sobre as distinções dos AFs, Searle cita as cinco categorias propostas por Austin, no subcapítulo cujo nome é *Pontos fracos da teoria de Austin*, no qual defende que “elas constituem uma excelente base para discussão, mas também acho que a taxinomia precisa ser profundamente revista, pois contém vários pontos fracos.” (p. 12).

Em seguida, ele faz uma análise dessas categorias em um subcapítulo denominado *Taxinomia alternativa*, propondo o que considera serem as categorias básicas dos atos ilocucionários.

- a) Assertivos. Têm o propósito de comprometer o falante com o fato de algo que é real a partir da verdade da proposição expressa. Os membros são avaliáveis, com a dimensão que contém o *verdadeiro* e o *falso*. Abaixo, está a representação do simbolismo dessa classe.

$$|\downarrow B(p)$$

Seu simbolismo representa o ajuste palavra-mundo e o estado psicológico de crença (*B*, de *believe*, que é *acreditar* em inglês) que (*p*). Exemplos: *deduzir*, *concluir*, *gabar-se*.

- b) Diretivos. São tentativas que o falante faz com o objetivo de levar o ouvinte⁴ a fazer algo. Podem ser tímidas (como um convite, uma sugestão) ou veementes (insistência)

$$!\uparrow W(O \text{ faz } A)$$

Na simbologia, temos o ponto de exclamação para marcar a classe, o ajuste mundo-palavra e o *W* que se refere ao querer (*want*). O *p* é que *O* faça, futuramente, uma ação⁵. Exemplos: *pedir*, *convidar*, *ordenar*, *mandar*, *suplicar*, *aconselhar*, *desafiar*.

- c) Compromissivos. São atos realizados com a finalidade de comprometer o falante com alguma linha futura de ação.

⁴ Representado frequentemente por *O*.

⁵ Representado frequentemente por *A*.

$$C \uparrow I (F \text{ faz } A)$$

Entre os símbolos, temos o C , que simboliza dos membros da classe, o ajuste mundo-palavra e seu p é que falante faça alguma ação futura. Isto difere dos diretivos, caso no qual o O é quem realizará a ação.

Ademais, Searle inaugura duas categorias.

- d) Expressivos. Classe cujo propósito dos membros é expressar um estado psicológico, especificado na condição de sinceridade⁶. Exemplos: *agradecer*, *congratular*, *desculpar-se*, *dar pêsames*.

$$E \emptyset (P) (F/O + \text{propriedade})$$

Nos AFs expressivos, não há direção de ajuste. O falante não tenta fazer com que o mundo corresponda às palavras nem o contrário. Tem-se uma verdade pressuposta, pois o falante faz uso do ato para refletir alguma ação do passado. Exemplos: *Desculpe-me por pisar em seu pé*; *Agradeço-lhe por pagar-me*.

- e) Declarações. Sua realização bem-sucedida produz a correspondência entre o p e a realidade, o que garante a correspondência entre o p e o mundo. “Se sou bem-sucedido em realizar o ato de designá-lo presidente, então você é o presidente; [...] se realizo com sucesso o ato de declarar um estado de guerra, então estamos em guerra [...]” (SEARLE, 1995, p. 26).

$$D \updownarrow \emptyset (p)$$

Na simbologia dessa estrutura, D representa o p declaracional, o ajuste é tanto mundo-palavra quanto palavra-mundo e não há condição de sinceridade, o que é representado por \emptyset . No que concerne ao ajuste, o autor afirma que

as declarações efetivamente tentam levar a linguagem a corresponder ao mundo. Todavia, não tentam fazê-lo através da descrição de um estado de coisas existente (como os assertivos), nem procurando levar alguém a produzir um estado de coisas futuro (como os diretivos e compromissivos). (SEARLE, 1995, p. 29).

A partir dessa classe, é abordada uma outra:

- f) Declarações assertivas. Partilham com os assertivos uma condição de sinceridade e seu simbolismo é:

$$D_a \updownarrow B(p)$$

D_a indica o proferimento de um assertivo com a força de uma declaração exercendo a função do p ; o ajuste é, primeiramente, do tipo assertivo e, em seguida, declaracional; a crença é a CS. É mencionado um exemplo de situação: “O juiz, o júri e o árbitro podem logicamente

⁶ Doravante, representado frequentemente por CS.

dizer mentiras, mas a pessoa que declara guerra ou nomeia para um cargo não pode mentir ao realizar seu ato ilocucionário.” (p. 30).

2.2.6 Atos de fala indiretos

Conforme as palavras de John Searle (1995, p. 49), os AFs indiretos são “casos em que um ato ilocucionário é realizado indiretamente através da realização de um outro.”. O autor levanta um problema a ser discutido em sua teoria: como é possível o falante dizer uma coisa, querer significar esta coisa, mas também querer significar outra? Ele considera que a significação consiste parcialmente na intenção que o falante tem de produzir a compreensão no ouvinte. Logo, grande parte desse problema é saber como o ouvinte consegue compreender o AF indireto, uma vez que a sentença ouvida e compreendida signifique algo mais.

Searle dá exemplos de AF indiretos e os classifica em seis grupos. Os exemplos que seguem correspondem ao grupo 1: das sentenças relativas à habilidade do ouvinte para realizar a ação. O I e o II foram retirados do livro (SEARLE, 1995, p. 57, grifos do autor).

I- **Você pode** alcançar o sal?

II- **Você poderia** fazer um pouco de silêncio?

III- **Você tem** horas?

É evidente que a resposta que se espera a essas perguntas não é apenas *sim* ou *não*. No exemplo I, temos um pedido de que o ouvinte alcance o sal para o falante. Se o ouvinte responde com *sim* ou com *não* e não toma atitude alguma, provavelmente haverá um estranhamento da parte da pessoa que proferiu a pergunta, a não ser que a pergunta tenha sido feita como pergunta apenas. Caso o ouvinte estivesse com o braço quebrado, por exemplo, e o falante emitisse a pergunta para saber até onde o ouvinte consegue alcançar com o braço, ou até o que ele consegue pegar, até daria para se pensar que o objetivo do falante não era o de requisitar o sal.

No exemplo II, parece ainda mais difícil imaginar uma situação em que a pergunta deva ser respondida apenas com um *sim* ou um *não*. Na prática, nos dois casos, é menos estranho se ter uma ação do ouvinte, sem que este profira uma só palavra, do que o ouvinte só responder verbalmente, isto é, sem agir. E, no caso de II, poderia ser ainda mais eficiente não responder, pois *o silêncio seria a resposta*.

Em III, a reação que se espera do ouvinte é que ele responda *sim* (se tiver relógio ou algum aparelho que contenha essa informação) ou *não* (se não tiver), ou nem responda e, depois, diga que horas são (se tiver relógio ou outro meio para tal). E, em todos os casos, mas principalmente em I e em III, é possível que o falante já saiba a resposta e, ainda assim, o AF é executado.

O autor menciona também outros grupos de sentenças, com seus devidos exemplos:

Grupo 2: Sentenças relativas ao desejo ou vontade do falante de que o ouvinte faça a ação.

IV- **Eu gostaria que você** fosse agora.

V- **Eu preferia que você não** fizesse mais isso.

Grupo 3: Sentenças relativas ao ouvinte fazer uma ação.

VI- De hoje em diante os oficiais **vão** usar gravata durante o jantar.

VII- **Você não vai** parar de fazer esse barulho?

Grupo 4: Sentenças relativas ao desejo ou disposição de o ouvinte fazer a ação.

VIII- **Você estaria disposto** a escrever uma carta de recomendação para mim?

IX- **Você se importaria** de não fazer tanto barulho?

Grupo 5: Sentenças relativas às razões para se fazer uma ação.

X- **Você tem que** comer tanto espaguete? [*Você come muito espaguete por que tem que comer tanto assim?*, como que para saber o motivo.]

XI- **Seria melhor que você** me desse o dinheiro agora. [*Dá-me o dinheiro agora, pois é melhor.*, como que para explicar o motivo.]

Grupo 6: Sentenças que encaixam um desses elementos em outro ou um que encaixam um verbo ilocucionário diretivo explícito num desses contextos.

XII- **Espero que você não se importe se eu lhe perguntar se você poderia** deixar-nos a sós.

XIII- **Eu apreciaria se você pudesse** fazer menos barulho.

Depois de apresentar os seis grupos de casos com ato ilocucionário indireto, Searle dá seguimento à sua análise atentando-se para quatro tipos de condição, pois explica que “cada tipo de ato ilocucionário tem um conjunto de condições necessárias para a realização feliz e bem-sucedida do ato.” (1995, p. 72). São elas: a preparatória, a de sinceridade, a de conteúdo⁷ e a essencial. Com o objetivo de ilustrar isso, ele apresenta uma tabela, reproduzida a seguir.

Tabela 1 – Atos diretivos e compromissivos e suas devidas condições

	Diretivo (Pedido)	Compromissivo (Promessa)
Condição preparatória	<i>O é capaz de realizar A.</i>	<i>F é capaz de realizar A.</i>
Condição de sinceridade	<i>F quer que O faça A.</i>	<i>O quer que F realize A. F tem a intenção de fazer A.</i>
Condição do conteúdo proposicional	<i>F predica um ato futuro A a respeito de O.</i>	<i>F predica um ato futuro A a respeito de F.</i>
Condição essencial	<i>Vale como uma tentativa de S de levar O a fazer A.</i>	<i>Vale como a contratação de uma obrigação de fazer A.</i>

⁷ Doravante, *condição de conteúdo* será representado frequentemente CC.

Fonte: SEARLE, 1995, p. 73

Podemos notar as seguintes informações:

A) que os atos ilocucionários diretivos têm o *O* como aquele que realiza a ação e, através dos compromissivos, é *F* quem se compromete a realizar algo.

B) Tanto *F* quanto *O* devem ser capazes de realizar *A*.

C) Nos dois casos, *F* deve ter a intenção, seja de realizar *A* (no caso de um diretivo) ou de que *O* faça *A* (no caso de um compromissivo). Isso serve para que o ato seja sincero, mas não é premissa para que aconteça.

d) Um futuro *A* é predicado pelo *F*, se diretivo, para ele mesmo ou para *O*, se compromissivo.

e) Distinção entre tentativa e contratação de um ou de outro fazer *A*.

No próximo capítulo, será discutido o verbo *apostar* e sua configuração conforme as teorias estudadas.

3 ALTERAÇÃO DE SENTIDO DO ATO DE FALA DE APOSTAR

No capítulo anterior, foram descritas duas teorias a respeito dos atos de fala, uma de John Langshaw Austin e, outra, de John Rogers Searle. Neste capítulo será discutido o verbo *apostar*, seus diferentes sentidos e de que maneira podemos encontrar referência a ocorrências particulares desse verbo nas concepções estudadas ao longo deste trabalho.

3.1 SENTIDOS DO VERBO APOSTAR

Veremos adiante as alterações de sentido que ocorrem com o VP *apostar* e de que forma elas se organizam.

3.1.1 O verbo *apostar* como ato de fala de fazer uma aposta

Segundo a teoria de Austin a respeito dos AFs, o verbo *apostar* é um VP pelo fato de expressar um AF, o de realizar uma aposta. Examinemos um caso:

(I) Aposto dois reais contigo que o João não vai à aula hoje.

Quando alguém profere a frase I, acontece uma provocação para que haja uma aposta. Esta, por sua vez, só será realizada, de fato, caso o ouvinte concorde com a situação, isto é, com o acontecimento que está sendo apostado (no caso, o fato de João ir ou não ir à escola) e com o prêmio (dois reais) que a pessoa que perder a aposta deverá dar a outra, que será a vencedora. Havendo um aperto de mão, ou uma resposta da parte do ouvinte como *aceito*, ou *apostado*, ou *fechado*, entre outras respostas possíveis, o AF de apostar se conclui. A aposta aconteceu, independente da intenção de cada um, o que significa dizer que a aposta pode ser sincera ou insincera, como nos explicam Austin (1990) e Searle (1995), não deixando, porém, de ser uma aposta.

Foram consultados alguns dicionários, três disponíveis on-line e dois físicos, para explorar os significados do verbo *apostar* que se veicula. Na sequência, constam as definições retiradas deles, de forma adaptada, com ênfase para as atribuições mais relevantes. O dicionário on-line Priberam, tem as seguintes definições para *apostar*:

1. Fazer aposta de.
2. Não duvidar, estar certo.
3. Asseverar, sustentar.
4. Fazer aposta.
5. Empenhar-se.

Na sequência, vejamos outra definição, do dicionário on-line Aulete digital. Deste, foram retiradas as primeiras definições, cuja relevância era maior para este trabalho e devido à extensão do resultado obtido para conceituar o verbete.

1. Arriscar (dinheiro, algo) em aposta; JOGAR
2. Dizer com confiança; ASSEGURAR
3. Ter certeza do sucesso ou vitória (de alguém, de empreendimento etc.), inclusive aplicando esforços, recursos etc.
4. Disputar algo (com alguém).
5. Competir por (algo); PLEITEAR; PORFIAR
6. Aplicar-se em algo; EMPENHAR-SE

No dicionário on-line Dicio, temos as seguintes designações:

1. Fazer uma aposta; jogar: apostar dinheiro no jogo.
2. Afirmar com alguma certeza: aposto que não virá.
3. Demandar grande esforço ou interesse em; pleitear: apostar na carreira de modelo.

Em um dicionário físico, Dicionário da Língua Portuguesa (2002, p. 22), publicado pela editora Poliglota, constam estes significados para definir o verbete:

1. Fazer aposta de.
2. Afirmar, sustentar.
3. Disputar.

Todos os dicionários mencionam, primeiramente, a definição de *apostar* como sendo o ato de realizar uma aposta, mesmo que usando termos diferentes. Ou seja, esses dicionários fazem referência ao AF de apostar quando definem o verbete. Podemos nos perguntar por que esses dicionários trazem tal definição em primeiro lugar. Aliás, podemos nos perguntar qual é a primeira definição que vem a nossa mente quando pensamos no verbo *apostar*. Provavelmente será a mesma que os dicionários apresentam por primeiro.

Também foi consultado o Dicionário escolar Rideel (1991, p. 37) que conceitua o verbete assim: “vt. fazer aposta”. Há verbetes nesse dicionário com mais de uma definição, mas não é o caso deste. Parece que outro significado para tal verbo não tem relevância considerável ao ponto de estar nesse léxico, visto que suas definições são deveras objetivas. Entretanto, podemos nos perguntar o porquê de, ainda assim, só haver uma designação para *apostar*.

De acordo com a análise de John Searle, o AF do verbo *apostar*, que se trata da definição mencionada por primeiro nos dicionários citados, se encaixaria na categoria dos atos ilocucionários compromissivos, considerando-se que “são os atos ilocucionários cujo propósito é comprometer o falante ([...] em graus variáveis) com alguma linha futura de ação.” (1995, p.

22). Contudo, nessa definição, não é explorado o fato de o ouvinte também se comprometer, dado que, em uma aposta, os dois indivíduos se comprometem a cumprir com a pena que vai depender de algum fato. Retornemos ao caso da frase I:

(I) Aposto dois reais contigo que o João não vai à aula hoje.

Seja o falante, seja o ouvinte, um dos dois terá que pagar os dois reais para a pessoa que perder a aposta. Mesmo que seja insincera da parte de um dos interlocutores, ou até mesmo dos dois, o compromisso existe para os dois até que se saiba se o João, no caso de I, vai ou não à aula.

O mesmo acontece com eventos passados. Vejamos outro caso:

(II) Aposto dois reais contigo que o João não foi à aula hoje.

Temos, agora, um evento que já ocorreu, seja o fato de João ter ido ou o de não ter ido à aula. No exemplo II, para que a aposta seja sincera, além de tanto o falante como o ouvinte terem a intenção de cumprir com a pena da aposta, é necessário que as duas partes não saibam o que, de fato, aconteceu. Caso o falante, e.g., tenha visto o João sair de casa com uma mochila nas costas, é evidente que ele sabe que João foi à aula – ou, pelo menos, que é grande a chance de este ter ido – ainda mais se tiver sido no horário que o mesmo costumeiramente sai de casa ou se estivesse usando uniforme. Sendo assim, ele não pode apostar sinceramente. É o mesmo que acontece se o ouvinte, e.g., perguntar, antes da aposta, a um professor da escola de João se ele esteve em aula naquele dia e o professor informar se sim ou se não.

Sabe-se que os dois são responsáveis pela aposta e assumem um compromisso, o que permite a afirmação de que o verbo *apostar* não deixa de ser um compromissivo, mas é um compromissivo de valor mútuo. Posto isso, podemos organizar assim as CSs específicas do AF de realizar uma aposta:

- A) Tanto o falante como o ouvinte não podem saber a verdade sobre o fato envolvido na aposta.
 - B) Tanto o falante como o ouvinte devem ter a intenção de cumprir com a pena, que é necessária somente a quem perde a aposta.
- Vale lembrar que o AF acontece independente dessas CSs.

3.1.2 O verbo *apostar* como ato de fala de asseverar algo

É relevante refletir a respeito de que o uso do verbo *apostar* em sentidos que não sejam o de realizar uma aposta são comuns no português brasileiro. Como vimos nas definições que constam na maioria dos dicionários, além de *apostar* ter o significado de realizar uma aposta,

ele também significa assegurar uma afirmação, asseverar, sustentar uma verdade. Tal fenômeno é explorado neste trabalho a partir de uma metodologia teórico-dedutiva e, com veremos mais adiante, através de uma pesquisa bibliográfica com validação qualitativa de dados. Consideremos:

(I) Aposto dois reais contigo que o João não vai à aula hoje.

(II) Aposto que o João não vai à aula hoje.

Em I, existe uma aposta sendo feita, ainda não concluída porque não se sabe se o ouvinte concordou em participar dela. Independentemente disso, é o AF de apostar que está empregado, o que, como já mencionado, provoca uma aposta. Já no caso de II, não é necessário que o ouvinte se manifeste a respeito do proferimento do falante para que o AF seja concluído. Não se sabe se o falante está sendo sincero, porém ele afirma que João não vai à aula naquele dia. É importante ressaltar que quem profere tal sentença não pode ter certeza absoluta, pois não sabe o que, de fato, vai acontecer, como é o caso, ou aconteceu. Caso contrário, o proferimento da sentença não faz sentido.

O uso do verbo *apostar*, conjugado na primeira pessoa do singular, no tempo presente, tem um sentido que se assemelha aos verbos *asseverar* e *assegurar*, quando no sentido de transmitir convicção sobre determinada informação que se comunica. Notemos a comparação:

(I) Aposto que todos os funcionários vieram para a reunião.

(II) Assevero que todos os funcionários vieram para a reunião.

(III) Asseguro-lhe que todos os funcionários vieram para a reunião.

Seus sentidos são parecidos, todavia não tenham o mesmo grau de convicção. Nos exemplos de I a III, a sensação é a de que há uma garantia maior em II e em III. Em outras palavras, o risco de a afirmação estar incorreta é maior na sentença I. Tal fato recupera o risco que existe em uma aposta, ainda que não exista o prêmio. O risco que o falante corre, aqui, é o de estar dando um palpite equivocado. Isso não ocorre da mesma forma em II e em III, situações em que parece até que o falante esteve na reunião.

Como dito anteriormente, não faz sentido o falante afirmar algo, como a sentença I, se ele esteve na reunião, podendo ver quem estava lá, ou se, de algum outro modo, soube que ninguém se ausentou. Isso pode ser relacionado à CC. Na teoria de Searle, é discorrido a respeito do conteúdo proposicional, na qual ele afirma que um relato e uma predição são diferentes entre si, por exemplo, pelo fato de esta se tratar do futuro e aquele, do passado ou do presente. No caso do *apostar* utilizado para transmitir convicção, funciona quanto a um fato do futuro, do presente ou do passado, mas desde que o falante só tenha a informação verdadeira a respeito do fato depois do AF. Se o AF for o de apostar, tal condição se mantém. Além disso, o prêmio, que seria CC do AF de realizar uma aposta, deixa de ser condição no outro sentido atribuído ao

verbo. Ou seja, como foi dito, a pessoa que profere a sentença I, e.g., não vai ganhar nem perder. Em consequência de a CC de se ter um prêmio não seja satisfeita, não se concretizou uma aposta.

Portanto, sendo o ato ilocucionário de apostar, conforme a teoria de Searle, um compromissivo, o ato que envolve o verbo *apostar*, mas que não é o de fazer uma aposta e, sim, uma afirmação com mais convicção, poderia ser considerado um ato ilocucionário assertivo. A seguir, vejamos uma tabela em que temos as condições dos diretivos e dos compromissivos, atribuídas por Searle, e as possíveis condições referentes aos assertivos, propostas para a classe a qual pertenceria o ato realizado com o verbo *apostar*, sem a CC.

Tabela 2 – Atos diretivos, compromissivos e assertivos e suas respectivas condições

	Diretivo (Pedido)	Compromissivo (Promessa)	Assertivos (Afirmação)
Condição preparatória	<i>O</i> é capaz de realizar <i>A</i> .	<i>F</i> é capaz de realizar <i>A</i> .	<i>F</i> acredita que <i>O</i> não sabe <i>A</i> .
Condição de sinceridade	<i>F</i> quer que <i>O</i> faça <i>A</i> .	<i>O</i> quer que <i>F</i> realize <i>A</i> . <i>F</i> tem a intenção de fazer <i>A</i> .	<i>F</i> quer que <i>O</i> saiba a verdade sobre <i>A</i> . <i>F</i> acredita que <i>A</i> .
Condição do conteúdo proposicional	<i>F</i> predica um ato futuro <i>A</i> a respeito de <i>O</i> .	<i>F</i> predica um ato futuro <i>A</i> a respeito de <i>F</i> .	<i>F</i> informa um ato passado ou presente ou futuro <i>A</i> , cuja verdade é desconhecida por <i>O</i> .
Condição essencial	Vale como uma tentativa de <i>S</i> de levar <i>O</i> a fazer <i>A</i> .	Vale como a contratação de uma obrigação de fazer <i>A</i> .	Vale como a transmissão de um <i>A</i> que <i>F</i> faz a <i>O</i> .

Fonte: autoria própria

Vale relembrar a simbologia dos atos assertivos:

$$|\downarrow B(p)$$

Como já relatado, a diferença do AF assertivo com o verbo *apostar* para os demais diretivos é que ele tem a CS de o falante não saber a verdade sobre a informação. Se nos voltarmos ao exemplo da sentença I, podemos visualizar que o falante não sabe, ou não deveria saber, quem estava ou não na reunião.

3.1.3 Validação qualitativa de dados em corpus on-line

Para se ter uma noção da frequência com que se usa o verbo *apostar* conjugado na primeira pessoa do singular, no tempo presente, foi feita uma pesquisa no Corpus do Português,

desenvolvido pelo professor Mark Davies. Na página *Overview of the corpus* (resumo do corpus, em inglês), existe um documento que explica de que se trata a plataforma.

Os corpora do Corpus do Português oferecem bilhões de palavras provenientes de dados recentes de quatro países de língua portuguesa. Eles permitem que pesquisadores, estudantes e professores entendam melhor o português de formas que não são possíveis com nenhum outro recurso. [...] Dos três corpora [disponíveis], o que admite a maior variedade de recursos é o corpus Web/Dialetos [...]. (tradução de Beatriz Baker Méio).

Este corpus tem mais de um bilhão de palavras de dados provenientes de quatro países de língua portuguesa – Brasil, Portugal, Moçambique e Angola –, e captura informações de textos disponíveis na internet. Com o resultado, é possível notar que houve muito mais aparições da palavra *aposto* no sentido atribuído ao verbo quando ele assume um AF assertivo⁸ do que no sentido de realizar uma aposta.

Na sequência, observemos trinta ocorrências de uso da palavra *aposto*⁹. Na Figura 1, notemos que das quinze ocorrências de *aposto*, dentre os quatro países citados, todas foram de uso da palavra com o sentido de asseverar algo.

Figura 1 – Recorte dos resultados do corpus (linhas 1 a 15)

endo por várias razões, claro, mas tem uma que **aposto**... O que tem enchido a sua cabeça? Você tem dedicado muito tempo
encher o CV então é uma piada... ja agora, **aposto** que aceitaria qualquer m **** pois viver à conta dum bom rendimento fan
processo é de, apenas, 360 euros. **Aposto** que já estão a imaginar que o país onde tudo isto acontece é em os
:cida, pq só faz cair a cada pesquisa!! **Aposto** que a idéia de vencer o segundo turno, metendo o pau no presidente
stas "« empresas "» praticam são sempre as mesmas. **Aposto** que na apresentação eles te colocam num local geralmente fech
pre, mas não no cigarro Viomundo -- E eu **aposto** que existe um remédio para isso... AFB -- Claro. E os remédios mais
E é incrível como a TV aliena, **aposto** que se as novelas passassem a mostrar mulheres com meia-calças muitas mulheres irian
am. boa governo!! boa manuel rita!! **aposto** que a sua residencial ja deve estar a crescer agora... a primeira viagem de
tarcas como Tom Ford, Aldo e Marc Jacobs. **Aposto** que estrelas em ascensão torcem para um dia poderem fazer uma sessão
uficiente para viver o resto da vida nao?! e **aposto** que deve de ter patentes do estado e isso tudo por isso devem de
iro de 1992) \$***** SÁBADO, 13/07/2013 **Aposto** que me enforcam na árvore ao vento e na árvore balanç
dio em primeiro grau, burla qualificada, crime organizado. **Aposto** que se entrarem no quarto dum desses chefes da mafia têm
13 ete costados de todos os tratados da União Europeia, **aposto** com ti que um ou outro começa a virar o bico ao prego e
m aos membros deste governo quem é Tarkovsky. **Aposto** que noventa por cento, responde que é um jogador de futebol; os o
o faz pensar seriamente no que você come ". **Aposto** que sim. Mas não tão seriamente quanto o faz pensar no que você

Fonte: autoria própria

Além disso, na décima terceira ocorrência que aparece na captura de tela, existe algo que parece ser a ocorrência de uma simulação de aposta. Mesmo sem ter um prêmio, pelo que se pode sugerir com a frase que aparece no corpus, o falante – que, no caso, é quem digitou o texto – atribui um complemento indireto ao verbo *apostar*, sendo este a pessoa com quem apostaria. Entretanto, a aposta não acontece, pois a condição de conteúdo de se ter um prêmio não é contemplada. Pode-se sugerir até que talvez exista um AF de convidar (para uma aposta).

⁸ Como foi proposto, ele é um assertivo, mas com particularidades.

⁹ Note que a palavra pode se referir ao *aposto*, complemento utilizado para a explicação de um elemento de frase, e não somente à conjugação verbal.

O mesmo ocorre na vigésima terceira e na vigésima ocorrência, que correspondem às linhas nove e dez da captura que consta na Figura 2.

Figura 2 – Recorte dos resultados do corpus (linhas 16 a 30)

· bloqueado é um cara escondendo algo que você não aprova (aposto que teu celular está sempre ao alcance
.. quase SETE vezes mais!!!), aposto que amanhã o CM vai dizer que os vermelhos estão... PUJANTÍSSIMOS!!!
| política que berra da plateia no fim, que aposto que é, ou foi, duma jota, ou plataforma qualquer -- ou
eria contra o Jones.. enfim, eu ainda aposto no spider, torço pra isso ser uma jogada de ele, estratégia pra
idade que não pode faltar nem um corretor de imóveis? Aposto que um número significativo de pessoas vão
bém considero coringas, que podemos usar com sapatilhas. Eu aposto demais em esse estilo para o meu dia
erve para acumular tickets, se você pedisse para 10 designers, aposto que quase todos ou todos colocariam t
que é tão legal: não fica desatualizado, aposto que é possível pegar um Cartão Verde de dez anos atrás e ain
20 by, ou até mesmo uma obrigação com a cultura local. Aposto com quem quiser que o náutico vai passar a ter
venha falar dos nossos artistas regionais, pois aposto que vc nunca foi a um show de forró.... Adryana em 2f
que descreveu? Provavelmente não. E se voce ficou, aposto que foi só uma vez e se pretende ficar, acho melh
il Roseana tinha administrado o quê antes de ser governadora? aposto que nem a casa de ela. KKKKKKKKKKKK
as expulsões exageradas, não vou entrar em detalhes, aposto que vocês já ouviram, reouviram e ouviram de
ia ou terá havido o cuidado de servir um camarão por pessoa? Aposto na segunda hipótese.). A bochecha tar
iaudade, eu vou lá me esbaldar. Delícia, né? Aposto que vc acha aí na sua cidade tbém. E vcs, mineiros,

Fonte: autoria própria

Com isso, temos que é possível usar um complemento como *contigo* para o verbo *apostar*, ainda que não seja contemplado o ato compromissivo de uma aposta ser realizada. O AF é proferido, mas não concluído.

3.1.4 O verbo *apostar* como em seu futuro do pretérito

Quando nos referimos ao verbo *apostar*, mas não no sentido de se realizar uma aposta, podemos ter as sentenças que seguem no diálogo:

João: – Acredito que a Maria já esteja em casa agora.

Pedro: – Aposto contigo que ela ainda não está.

Digamos que um menino, de nome João, esteja voltando de uma partida de futebol para a casa, com um amigo chamado Pedro. Pedro havia dito para João que Maria, irmã de Pedro, estava para ir ao mercado quando este saiu de casa. João olha no relógio e profere o que está no exemplo. Contudo, Pedro conhece a Maria mais do que João e sabe que ela costuma demorar quando sai para fazer compras, então, profere a sentença do diálogo. Essa frase poderia ser substituída por I ou por II, o que é proposto devido ao fato de não haver diferença considerável de sentido.

(I) Apostaria que ela ainda não está.

(II) Apostaria contigo que ela ainda não está.

Logo, considerando esses casos apresentados, o verbo *apostar* pode ser empregado em seu futuro do pretérito, mantendo-se o sentido de afirmar algo com convicção. Isso poderia ser analisado como CC, embora mais detalhes fiquem para um possível trabalho futuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, com base na teoria dos atos de fala proposta por John Austin (1990) e na análise de John Searle (1995), foi possível contemplar o verbo *apostar* em seus diversos sentidos, que podem ainda não equivaler à totalidade de sentidos a ele atribuídos na língua portuguesa. É interessante que Austin, quando trata de exemplos em sua abordagem, menciona, dentre os primeiros VPs, o verbo *apostar*, mas unicamente como sendo a realização de uma aposta. Searle também não explora o ato ilocucionário que o verbo *apostar* constitui, o que, como estudado ao longo desta monografia, se assemelha ao ato de afirmar algo convictamente.

Com a busca no Corpus do Português, criado por Mark Davies, ficou ainda mais evidente que o uso de *apostar* sem ser o AF de apostar é deveras presente na língua. Sem o compromisso de se ter um prêmio que o interlocutor que perde a aposta dá a quem ganha, o falante produz um AF que parece muito mais pertencer à classe dos assertivos do que a qualquer outra classe apresentada neste trabalho, de acordo com a teoria de Searle. É de se imaginar que em outras línguas esse uso também ocorra, o que pode ser pesquisado futuramente.

Além de não haver o prêmio, não é necessário haver o consentimento do ouvinte. Ele não precisa responder ao proferimento do falante, pois não se trata de um AF que envolva mais de uma pessoa. Pode até haver, aparentemente, como em *aposto contigo que amanhã vai chover pela manhã*, mas, se depois desse proferimento não for sugerido prêmio algum, a presença do termo *contigo* não torna o AF uma aposta. Suposto isso, o pronome apenas enfatiza o ouvinte, sendo complemento indireto do verbo *apostar*, que o exige em determinados casos, quando há uma aposta.

Parece plausível, inclusive, apresentar algo mais, que pode ser um trabalho futuro: a possibilidade de o verbo *apostar* ser proferido com a intenção de desafiar o falante a realizar uma ação. É o mesmo que ocorre com o verbo *duvidar*. Ademais, o fato de alguém dizer *duvido que você saiba fazer tal coisa*, pode ser o mesmo que dizer *aposto que você não sabe fazer tal coisa*. Sendo assim, com os devidos estudos, é possível analisar se o verbo *apostar* pode ser classificado como um *antônimo pragmático* de *duvidar*, o que pode ser realmente interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- “apostar”. *In*: AULETE, C. Dicionário Digital. Francisco J. Caldas Aulete/ Antonio Lopes dos Santos Valente. Editora Lexikon Digital, 2014. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/apostar>>. Acesso em 02 set. 2023.
- “apostar”. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/apostar>>. Acesso em 02 set. 2023.
- “apostar”. *In*: PORTUGUESA, Dicionário Priberam da Língua. 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/apostar> >. Acesso em 02 set. 2023.
- AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- DAVIES, Mark. (2016-) *Corpus do Português: Web/Dialects*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>>. Acesso em 02 set. 2023.
- DAVIES, Mark. (2016-) O CORPUS DO PORTUGUÊS. *Corpus do Português*. Tradução: Beatriz Baker Méio. Disponível em: < https://www.corpusdoportugues.org/files/corpus-do-portugues_pt.pdf >. Acesso em 02 set. 2023.
- Dicionário da Língua Portuguesa. Jaguará do Sul: Ed. Avenida, 2005.
- ROSA, Ubiratan. Dicionário escolar Rideel. São Paulo: Rideel, 1991.
- SEARLE, J. R. *Expressão e significado: Estudos da teoria dos atos de fala*. Tradução: Ana Cecília G. A. de Camargo; Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.